

ONDE NASCEM AS IDEIAS _ TRANSCRIÇÃO
EPISÓDIO SÔNIA GOMES

TC _ (01:37 - 02:18)

Sônia:

Uma senhora entrou em contato comigo, perguntando se eu... Que ela tinha um vestido de noiva que tinha mais de 50 anos, se eu não receberia esse vestido, eu falei: Uai, lógico, é o meu trabalho. "Eu vou mandar pra você e você faça dele o que você bem entender." Então, eu achei essa história muito mágica porque como que uma pessoa que nunca me viu né, de repente, guarda um vestido de noiva de mais de 50 anos pra me entregar. Então eu me senti muito responsável por esse material.

TC _ (02:25 - 02:41)

Sônia:

E quando chegou o vestido na minha casa, que eu abri, eu me surpreendi porque ele estava... Não tem um puído, intacto, só com as marcas do tempo que é o que me interessa.

TC _ (02:46 - 03:09)

Sônia:

Eu lembro só que eu perguntei o nome dela, ela falou: Maria dos Anjos. E a obra vai ter o nome dela porque essa obra só existe pela participação dela. Eu jamais sairia procurando vestido de noiva pra fazer um trabalho.

TC _ (03:15 - 03:22)

Sônia:

Acho muito importante as marcas que tem, que o tempo trás, eu acho lindo essa pátina do tempo.

TC _ (03:27 - 03:56)

Sônia:

Eu gosto disso e eu sinto assim também. Que eu, é como se eu tivesse que salvar, dar uma nova vida, àquilo que estava adormecido, no caso desse vestido então, é nítido isso! O vestido estava guardado, encaixotado dentro de um armário, então eu penso que ele agradeceu muito, que é uma nova vida que está surgindo.

TC _ (04:21 - 04:29)

Sônia:

Eu acho que o mundo tá precisando de beleza e de poesia, então eu faço questão de devolver isso pro mundo.

TC _ (06:45 - 06:47)

Carolina:

Tem muito afeto né, as coisas que você faz.

TC _ (06:48 - 07:08)

Sônia:

É, eu trabalho com afeto, porque o que eu recebo vem carregado, vem carregado de afeto e o ato também de quando as pessoas me trazem.

TC _ (07:15 - 07:23)

Sônia:

Já trazem com afeto também, e são coisas do afeto delas que elas me entregam.

TC _ (07:25 - 08:13)

Sônia:

Eu sempre falo que o material que me dirige assim, mas no caso do vestido que a gente tá falando, a primeira preocupação que eu tive foi desconstruir o vestido, porque essa história pra mim, não interessa. Então a partir do momento em que eu pego o material, porque o vestido teria que ser desconstruído pra virar uma escultura tridimensional, sabe? Então essa foi a minha preocupação. Então quando eu recebi, quando eu comecei a trabalhar, a primeira preocupação foi abrir.

TC _ (08:17 - 08:31)

Sônia:

E aí, coloco ele no espaço e aí vou! A construção, ela é muito intuitiva.

TC _ (08:36 - 08:44)

Sônia:

Às vezes eu penso uma coisa, mas quando vou elaborar, o negócio vira outro.

TC _ (09:27 - 10:43)

Sônia:

Muita gente fala que eu bordo. Eu não bordo, eu aproprio do bordado e nessa apropriação eu tô fazendo um resgate muito grande, né? Com as coisas que tá tendendo a perder no mundo que é a coisa artesanal, manual e que isso é tão rico isso, né? Eu acho importante também essa coisa que não é uma coisa assim muito técnica: o bordar, o fazer artístico também. Porque muitas possibilidades a gente encontra no erro, por isso que surge. Então eu acho isso de uma riqueza muito grande, mas costurar eu nunca costurei, eu sempre, eu até uma vez tentei, mas não consegui porque tem uma rigidez na costura, tem que... E o meu costurar é muito aleatório, então essa rigidez não me interessou.

TC _ (10:49 - 10:56)

Sônia:

Mas que é muito bom costurar, é! É simples o que eu faço né, gente? Eu costuro, muito simples.

TC _ (11:07 - 12:05)

Sônia:

A costura surgiu porque eu sempre gostei de dar um toque pessoal em tudo que eu usava, então eu comecei a desconstruir roupas que eu comprava ou que eu ganhava ou que eu comprava em brechó. Então nessas desconstruções que foi surgindo o trabalho, porque chegou um ponto que não dava pra ser usado mais, não existia mais essa função, e a arte não tem função, né? Não existe uma função pra arte. Então esse pulo pra arte foi isso, eu

acho. A arte parece que já estava, eu nunca tive essa preocupação de ser artista, ela surgiu.

TC _ (13:09 - 13:41)

Sônia:

Eu descobri que arte, na arte contemporânea, eu descobri que arte não era só desenhar, pintar, e que na arte pode tudo! Nem tudo é arte, mas na arte pode tudo. Então, quando eu percebi essa liberdade, eu achei, de expressão, eu poderia fazer o que eu quisesse, com o material que eu quisesse, aí pra mim não tem limite, então aí eu me encontrei!

TC _ (14:59 - 15:18)

Sônia:

Esses colares eu sempre fiz para meu uso, depois eu comecei a comercializar mas o problema é que ninguém comprava e nem por isso eu deixei de fazer, porque eles são bem escultóricos também, né?

TC _ (15:23 - 15:25)

Carolina:

Parece tão africano né?

TC _ (15:34 - 15:51)

Sônia:

A linguagem bem africana, nunca me preocupei com isso não, de fazer coisa africana, nunca me preocupei. Mas por acaso aparece no meu trabalho e eu assumo e gosto muito.

TC _ (15:57 - 16:19)

Sônia:

Por isso que era difícil de comercializar né, por causa dessa linguagem, mais africana, preconceito, né? Qual o negro que não,... Que nunca existiu preconceito nesse país? Quem falar que não, tá mentindo! País racista.

TC _ (16:23 - 16:53)

Sônia:

Observar a vida, entendeu? Se eu vou em determinados lugares, eu olho ao meu redor e só tem eu de negro. Os negros ainda estão em situações sem o menor prestígio, estão nas favelas, estão nos manicômios, procura lá que vai achar tudo, todos eles! Estão nas penitenciárias, a população negra tá toda lá!

TC _ (16:58 - 16:59)

Sônia:

Dureza!

TC _ (17:02 - 17:08)

Carolina

Você pensa nessa sua ancestralidade assim, quando você trabalha, você pensa sobre isso?

TC _ (17:07 - 17:20)

Sônia:

Não, Não penso. Isso pra ter uma influência assim consciente que eu to fazendo uma coisa africana? Não. Surge do inconsciente mesmo.

TC _ (18:25 - 19:19)

Sônia:

Olha, a minha primeira exposição foi em Belo Horizonte, não foi em uma galeria tradicional de arte, foi em um antiquário, eles viram esse contraste dessa arte contemporânea barroca, com o barroco que eles trabalhavam, então eles acreditaram em mim, acreditaram no trabalho, então eu senti que foi um desafio. Aí saí nas ruas de Belo Horizonte procurando material que eu poderia, que tivesse uma plasticidade, que poderia dar a forma que eu quisesse, aí encontrei o arame de alumínio. Então daí surgiu uma série que eu chamo de Torções.

TC _ (19:24 - 19:27)

Sônia:

Eu faço e depois penso.

TC _ (19:30 - 19:31)

Sônia:

Aí vejo muita coisa.

TC _ (19:34 - 19:57)

Sônia:

As preocupação mesmo que eu tenho com o trabalho quando eu to fazendo, é que ele tenha vida e movimento. O tempo todo eu preocupo com o movimento na obra, e tem um amigo que fala que o trabalho é quase que cinético.

TC _ (20:02 - 20:13)

Sônia:

Porque tem muito movimento. Eu acho que são as coisas que eu busco na vida. Movimento. É, eu gosto muito de dança.

TC _ (20:18 - 20:20)

Sônia:

E isso aparece na obra o tempo todo.

TC _ (20:23 - 20:45)

Sônia:

E esse movimento, essa overdose, esse excesso de informação da metrópole, da cidade, das cidades grandes, isso tudo me fascina. Eu acho que por isso que o trabalho tem tanta informação. Mas as pessoas me dão muito mais e a obra, ela abriga no estéril, e até então eu não estava percebendo.

TC _ (20:55 - 21:20)

Sônia:

Uma pessoa falou: Sônia, a sua obra! Eu fui visitar a sua exposição, e aquela coisa do torcer. Mas ela falou: do torcer a roupa. Ela adora lavar roupa e torcer aquilo, então essas

torções pode tá no movimento da dança, pode estar no movimento do torcer, no movimento da vida.

TC _ (21:33 - 21:45)

Sônia:

Olha procê vê, o que que ela viu no trabalho? E a coisa de lavar à mão, do torcer também é muito poético isso, não existe mais.

TC _ (21:48 - 21:56)

Sônia:

É presente no meu trabalho a cor. Um trabalho totalmente branco, tá sendo esse.

TC _ (21:59 - 22:11)

Sônia:

Mas essa linha, ela parece, talvez possa parecer uma coisa até agressiva, mas não é. Essa linha eu uso é para o desenho.

TC _ (22:22 - 22:28)

Carolina:

Esse tecido branco, essa forma circular, ele é o que, você sabe?

TC _ (22:29 - 22:30)

Sônia:

Esse aqui?

TC _ (22:30 - 22:30)

Carolina:

É

TC _ (22:34 - 22:36)

Sônia:

Olha, você sabe que eu não sei.

TC _ (22:37 - 22:38)

Carolina:

Mas ele era o que? Ele também não era do vestido não?

TC _ (22:38 - 22:57)

Sônia:

Não, não era do vestido, só porque eu quis, esses círculos assim e eu fiz com o que eu tinha aí. Tá vendo, aqui tem até um outro tecido que tem uma transparência, tudo com branco.

TC _ (23:09 - 23:34)

Sônia:

Então vai ser tudo em tons de branco. Por acaso aqui também tem um tule que veio com o vestido, mas eu não tô preocupada de colocar aqui só o que veio com o vestido. A maior parte é, poucos detalhes que eu estou usando que não são.

TC _ (23:38 - 24:10)

Sônia:

Como a obra é muito viva, eu sinto que ela dialoga com qualquer espaço, por que não é difícil. Ela é uma obra tridimensional que vem do teto e a forma vai ser definida nesse espaço, quer dizer assim, cada espaço que essa obra for, ela vai ser, vai mudando, vai adquirindo outras formas, dependendo do espaço.

TC _ (25:01 - 25:38)

Sônia:

Árvore, eu sou fascinada por árvore, um chinês falou que eu sou madeira, mas eu sou fascinada com árvore. Observo muito e eu sou urbana, por exemplo, eu não sou de ir pra um sítio, pra uma fazenda e ficar meses ou um fim de semana, vou ficando meio incomodada porque aquilo pra mim está muito estático assim. Porque eu gosto do verde, eu acho que eu queria uma floresta dentro da cidade ou uma cidade dentro da floresta.

TC _ (26:06 - 26:58)

Sônia:

Eu não trabalho com prazo, porque vai me gerar uma ansiedade muito grande. Eu tenho uma grande exposição aqui em São Paulo pro fim do ano que vem, então os curadores já sabem do meu processo, eu não trabalho sob pressão, então já me dão um prazo bem longo, porque essa rotina também, eu não tenho, eu tenho necessidade, eu sinto necessidade de trabalhar, mas às vezes eu tenho a necessidade também de dar uma saída, de dar uma espairecida também, de ficar longe daquilo, sabe? Então, eu respeito os meus limites

TC _ (27:13 - 27:35)

Sônia:

Eu fiquei sem ar, às vezes a gente fica sem ar. Foi isso que eu falei pro Gilson: Gilson, eu tô sem ar, vou abrir um negócio aqui, às vezes tem isso, aí você sabe como, foi como derrubar aquela parede ali, às vezes o trabalho tem isso, você tem que dar um respiro.

TC _ (27:45 - 27:53)

Sônia:

Aí abri essa janela pra respirar, entrar o ar, entrar a luz, porque a luz entra também.

TC _ (28:00 - 28:18)

Sônia:

Luz é tudo também. Não consigo trabalhar num lugar que não tenha luz, acho que por isso que eu, que esse apartamento aqui o trabalho tá fluindo muito bem aqui, eu tenho muita luz.

TC _ (28:34 - 28:37)

Sônia:

Eu acho que pode subir mais um pouquinho.

TC _ (28:40 - 28:41)

Sônia:

Isso!

TC _ (29:06-29:10)

Sônia:

Deixa eu cortar aqui, coisa aqui. Vai ter que dar um nó aqui.

TC _ (29:16 - 29:19)

Carolina:

O que que é ver a alma numa peça de artes plásticas pra você?

TC _ (29:19 - 29:58)

Sônia:

A verdade. O trabalho tem alma, o trabalho tem verdade. Você não tá fazendo aquilo porque fulano, sicrano, o mercado tá gostando ou não está. Eu não preocupo com nada disso, e o artista de verdade não preocupa com isso. Quando o trabalho é de verdade, ele tem alma. Que não existe essa preocupação em agradar quem quer que seja.

TC _ (30:03 - 30:05)

Sônia:

O trabalho tem que agradar primeiro a mim.

TC _ (30:07 - 30:37)

Sônia:

Isso não quer dizer que eu não aceito críticas, eu aceito, opiniões e tudo. Mas se uma pessoa vem: Ah, não tô gostando daquele negócio não. Eu olho bem e falo assim: É aqui não tá bom mesmo não, mas eu que tenho que chegar a essa conclusão, entendeu? Pode até falar, mas, eu deixo lá, tiro ou não? Não, tô gostando assim, vai ser assim.

TC _ (30:42 - 30:44)

Sônia:

Não, porque tem que ser branca.

TC _ (30:44 - 30:44)

Moça:

Pois é.

TC _ (30:45 - 30:51)

Sônia:

Aqui ó, costura aqui de qualquer jeito assim, mas de jeito

TC _ (30:53 - 30:54)

Moço:

Que fica fofinho.

TC _ (30:55 - 30:58)

Sônia:

Sem a areia ficar menos, entendeu?

TC _ (30:58 - 30:59)

Moço:

Ficar presa.

TC _ (31:00 - 31:03)

Sônia:

Presa sem ela ficar presa. Aí você costura aqui.

TC _ (31:19 - 31:25)

Sônia:

Isso aqui eu não colocaria essa areia, eu colocaria aquele monte de bijuteria que eu tenho, entendeu?

TC _ (31:25 - 31:30)

Moço:

Esse tem pronto? Tem pronto alguma coisa assim?

TC _ (31:30 - 31:30)

Sônia:

Tem não.

TC _ (31:31 - 31:31)

Moço:

Num saquinho, não?

TC _ (31:32 - 31:38)

Moço:

A gente conta outro dia, acho que não vai dar interferência não.

TC _ (31:39 - 31:45)

Sônia:

Não coloca outro dia, mas tô falando assim, pra mim vai fazer diferença ser aquilo.

TC _ (31:45 - 31:46)

Moço:

Ah, sim.

TC _ (31:49 - 31:51)

Sônia:

É grinalda que chama isso, né?

TC _ (31:51 - 31:51)

Moço:

É.

TC _ (31:53 - 31:57)

Sônia:

Olha procê vê. Vou deixar mais ou menos assim.

TC _ (31:58 - 31:59)

Moço:

Nossa, maravilhoso!

TC _ (31:59 - 32:05)

Sônia:

Aí depois a gente faz o acabamentoo.

TC _ (33:15 - 33:18)

Sônia:

Ai, quando um trabalho fica pronto eu fico tão feliz.

TC _ (33:20 - 33:25)

Sônia:

Quando eu concludo um trabalho. Porque tem uns que dão muito trabalho, sabe. É uma briga!

TC _ (33:30 - 33:37)

Sônia:

Outros fluem melhor, mas...

TC _ (33:42 - 34:02)

Sônia:

Eu fico bem feliz quando eu concludo um trabalho que... Também, eu só saio daqui quando eu tiver certeza que ele terminou, que tá bom. Se não for assim, se não me der alegria eu não saio, ele tem que me dar alegria, um estado de alegria.

TC _ (34:03 - 35:54)

Sônia:

Quando eu termino um trabalho, eu olho e falo assim: gente, quem fez isso que a gente fica tão envolvido?! É um transe mesmo! A gente, pra mim é sempre surpresa a hora que eu vejo aquele trabalho concluído, sabe. E aí eu penso, gente, como que eu fui capaz de fazer isso! Não, não fui eu que fiz. Não foi! E olha que eu sou uma pessoa cética, não tem coisa de misticismo, essas coisas não tenho não, mas tem um mistério aí! Tem um mistério que eu não sei, eu falei com um psiquiatra que eu comecei a fazer uma terapia, eu falei: Eu quero saber, eu quero entender o que que é isso que eu tô fazendo, aí ele falou assim pra mim: "Espero que você não entenda nunca!" Aí eu pensei, ... ah eu pensei bem, falei: deve ser que quando eu entender, eu já nem vou fazer, que é uma busca, sempre, então, se eu entender o que é isso que eu tô fazendo, pode até ser que minha produção não pare por aqui, a partir do momento em que eu... Porque é uma busca sem fim, né! Aí eu me dei alta. Falei: ah não, era só isso que eu tava querendo, que as outras questões da minha vida, eu

já, ... Se eu não resolvi, vai ficar por isso mesmo, que agora eu quero só trabalhar, só meu trabalho.

TC _ (36:00 - 36:10)

Sônia:

É o trabalho que me segura na vida, e se eu estou aqui é por causa dele. É o que me importa.

TC _ (36:22 - 36:49)

Sônia:

Eu acho que eu não pertencço a lugar nenhum. Eu não tenho religião, não tenho partido político, eu gosto do Brasil, mas assim, se for pra eu morar em outro lugar, eu acho que eu me adapto. Eu sou um ser adaptável. É como o trabalho, eu acho que em qualquer lugar que ele for, ele se ajeita.

TC _ (36:54 - 37:15)

Sônia:

Mas eu fico intrigada com esses mistérios da vida. Eu adoro biologia por causa desses mistérios, sabe, mas assim, existe uma força, que eu não sei o que é!

TC _ (37:19 - 37:38)

Sônia:

Mas resp... Ó, a minha religião é o respeito. Respeito todas. Cada um sabe da sua e tem fé na sua, mas tudo leva a um só caminho, né.

TC _ (37:44 - 37:49)

Carolina:

Qual a relação que você faria entre uma obra e a cria, um filho, por exemplo?

TC _ (37:50 - 39:06)

Sônia:

Olha, um filho eu não sei porque eu não tive filhos, nunca quis ter filhos. Mas eu penso que é a mesma coisa, porque tem esse período de gestação e quando ela nasce pro mundo, o prazer é tão grande de ver aquilo, a transitar, que a presença daquilo, que é uma espécie assim, de você materializar uma ideia, né. Então eu penso que é a mesma coisa e através das obras eu tô tendo tantos filhos pelo mundo, porque são jovens. Engraçado, eu sempre pensei que o trabalho não fosse atingir diretamente ao jovem, porque é uma coisa da costura, do bordado né, que já tão mais preocupados com essa era mais digital, mas como gostam! É impressionante.